

**CONVERSÃO RELIGIOSA E A
OPÇÃO PELA HETEROSSEXUALIDADE EM TEMPOS DE AÍDS
NOTAS DE UMA PESQUISA***

MARIA DAS DORES CAMPOS MACHADO**

Resumo

Esta comunicação analisa a experiência de um ex-integrante dos grupos afro-brasileiros que, depois de viver a homossexualidade com grande conflito, encontra na conversão ao Pentecostalismo a possibilidade de reorientar sua conduta sexual e de superar sua posição marginal, “deixando para trás” o pertencimento ao grupo de risco e a ameaça da AÍDS.

Palavras-Chave: Comportamento Sexual, Conversão, Pentecostalismo, HIV/AIDS, Homossexualidade.

* Este artigo resultou da pesquisa “Os Efeitos da filiação religiosa no exercício da sexualidade e da reprodução”, financiada pela Fundação MACARTHUR/Fundação Carlos Chagas através do PRODIR II (1994/1995). Foi apresentado no XX Encontro Anual da ANPOCS realizado em Caxambu no ano de 1996 e publicado na Revista *Sociedad y Religión*, nº 14/15, pp.95-110, Buenos Aires, 1996. Recebido para publicação em setembro de 1998.

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Conversão religiosa...

**RELIGIOUS CONVERSION AND THE OPTION FOR
HETEROSSEXUALITY IN TIMES OF AIDS**
RESEARCH NOTES

Abstract

This communication analyzes the experience of an ex-member of an African-Brazilian group who, after experiencing homosexuality with deep conflict, found in conversion to Pentecostalism the possibility of re-orienting his sexual behaviour, and of overcoming his marginal status, "leaving behind" his belonging to the AIDS risk and threat group.

I – “O amor às avessas”¹

No ano de 1994, o Pastor Nehemias Marien da Igreja Presbiteriana Unida de Copacabana lançou o livro *Jesus – A Luz da Nova Era*, onde, entre várias propostas inovadoras, relatava a realização de uma cerimônia religiosa abençoando a união de dois homossexuais. Justificando a liturgia, argumentava que “na homossexualidade se pratica o amor liberto de todas as formas de preconceitos, numa entrega plena e sem restrições. Por isso mais puro e sincero”.² A revelação de tal experiência desencadeou uma forte reação na opinião pública com o pastor, sendo questionado pelos não evangélicos sobre a interpretação bíblica das relações sexuais entre parceiros do mesmo sexo e ferrenhamente condenado pelos religiosos e fiéis pentecostais e protestantes históricos. Participante de um programa radiofônico na cidade do Rio de Janeiro, este religioso recebeu ameaças anônimas de morte e sofreu uma série de constrangimentos com colegas de profissão e fê colocando publicamente em dúvida sua própria orientação sexual.

O alcance de tal reação, envolvendo desde a liderança pentecostal – portadora de uma rígida moral sexual – até os quadros “politicamente progressistas”, expressa a condenação dos grupos evangélicos ao homossexualismo. Artigos em periódicos e livros, faixas em passeatas e celebrações públicas mobilizando a massa pentecostal, assim como programas televisivos na mídia evangélica

tratavam de deixar claro o caráter “individual” da iniciativa do pastor presbiteriano e a dimensão diabólica do comportamento homossexual. O crescimento dos portadores do vírus HIV na sociedade brasileira e a identificação dos homossexuais masculinos como um grupo de risco favoreciam a associação desta identidade sexual com o mal/ou o diabo e a AIDS com a represália divina à “perversão” e à “promiscuidade” deste grupo social.

Paradoxalmente, presenciara em vários cultos da Igreja Universal do Reino de Deus – paradigma do neopentecostalismo – testemunhos de homens engravatados que em tom de brincadeira se apresentavam como “ex-travestis”, “ex-homossexuais” ou “ex-prostitutos”, vinculando o abandono de tais identidades com a adesão ao pentecostalismo. A

¹ Título do livro de J. Cabral, principal teólogo da Igreja Universal do Reino de Deus, sobre o Homossexualismo. CABRAL, J. *O Amor às Avessas...* Rio de Janeiro, Editora Gráfica Universal Ltda., 1995.

² MARIEN, N. *Jesus – A Luz da Nova Era*. Rio de Janeiro, Record, 1994, p.145.

Conversão religiosa...

condição atual de “casado” e/ou “pai de família”, atribuída a uma “graça divina”, constituíra em muitos casos uma possibilidade de inserção na hierarquia religiosa.³ WPA, uma fiel da Igreja Batista do Calvário, revelou-me que em sua igreja também havia “um Pastor que já fora homossexual no passado”. Agora, acrescenta a entrevistada,

ele é psicólogo e ajuda esta turma. É casado, tem filhos e Deus o libertou. **Acho que o homossexualismo é um problema ligado mais ao espiritual.** Envolvimento com o diabo e até as maldições de heranças das famílias.

O monitoramento da mídia impressa revelaria também a existência de “ministérios” dedicados à “recuperação de homossexuais”. Organizados internacionalmente há pelo menos 20 anos sob o nome de Exodus⁴, tais “ministérios” não parecem ter alcançado no Brasil a mesma importância que adquiriram nos EUA. Contudo, o Jornal de junho da Igreja Assembléia de Deus traz na sua coluna “Lançando a rede – Disque 'socorro' à disposição de todos”⁵, o nome e o endereço de seis entidades evangélicas voltadas para o atendimento dos homossexuais e portadores do HIV.⁶ Mas como esses grupos podem servir de apoio para a reorientação das práticas sexuais e quais estratégias adotadas pelos fiéis frente a ameaça da AIDS? A história de conversão de UVS, que declarou “ter conseguido se libertar” da condição de homossexual e canalizar suas energias para uma relação nova e heterossexual com a ajuda do pentecostalismo, é ilustrativa neste sentido.⁷

II – Corpo: Cavalo de Entidades ou Morada do Espírito Santo?

³ MACHADO, M. D. C. Adesão religiosa e seus efeitos na esfera privada – um estudo comparativo dos carismáticos e pentecostais. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, IUPERJ, 1994.

⁴ INFORMADONEP, ano III, nº 8, Rio de Janeiro, 1996, p.12.

⁵ *Mensagem da Paz*, Rio de Janeiro, junho de 1996, p.28.

⁶ Duas se dedicam aos Homossexuais: APRISCO – Rio de Janeiro – e Criança Feliz – Belo Horizonte –; e quatro são Centros de prevenção e recuperação dos portadores do HIV: Casa Refúgio – Belo Horizonte –, O Caminho, a verdade e a vida – Curitiba –, Desafio Jovem – Rio Claro – e Projeto Siloé – Florianópolis.

⁷ Os depoimentos utilizados no decorrer do texto foram colhidos durante o ano de 1995.

Pedreiro e proprietário de um *trailer* que vende sanduíches e refrigerantes em Niterói, este informante de 36 anos freqüenta a Igreja Assembléia de Deus⁸ há 6

anos e se encontra casado há cinco anos com uma pentecostal. Tendo estudado até o primeiro ano do 2º grau, UVS é um dos que se “desviaram do evangelho”, abandonando no início da adolescência a igreja evangélica que freqüentava com sua avó para seguir a trajetória religiosa da mãe, que há muito optara pelas religiões mediúnicas. Sem conseguir diferenciar o Espiritismo e a Umbanda, o centro espírita e o terreiro, esse informante associa suas experiências religiosas na tradição Afro-brasileira com as relações homossexuais que começara a praticar naquela ocasião e com a angústia delas decorrente.

Não conseguia me sentir encaixado naquilo, porque ao mesmo tempo que eu cedia a um desejo do corpo, **mentalmente não me realizava**. Cada vez que eu me deparava de frente com o espelho, eu dizia: “este cara não tem nada a ver com o cara que pratica o que ele pratica. Não foi projetado para isto, tá nítido no próprio corpo.” Aquilo me perturbava profundamente, eu não conseguia me aprovar... praticar aquele ato, ter que agir daquela forma.

Com apenas treze anos, sem contato com o pai, que abandonara a família logo depois de seu nascimento, e cercado pela pobreza, UVS considerava sua atração sexual pelos homens como um elemento intensificador da marginalidade social em que se encontrava. Com a concepção essencialmente naturalista da sexualidade hegemônica na cultura ocidental, este informante não conseguia viver de outra forma seus desejos sexuais senão como “doença”. A separação do corpo e mente nada mais é do que a separação entre o desejo individual e os desejos socialmente reconhecidos como do macho. Dito de outra forma, o desvio da sua orientação sexual em relação à identidade sexual masculina predominante na sociedade brasileira. Construída socialmente a partir de quatro componentes – sexo biológico, papel de gênero, comportamento sexual e orientação sexual – tal identidade é associada, na cultura brasileira, ao macho que apresenta traços de personalidade e comportamentos atribuídos ao gênero masculino, particularmente, o comportamento sexual ativo, seguindo ainda uma orientação

⁸ Fundada em Belém do Pará em 1911, a Assembléia de Deus é a maior denominação pentecostal no país. Na área Metropolitana do Grande Rio, por exemplo, seus adeptos representam 30,9% dos evangélicos.

Conversão religiosa...

heterossexual.⁹ Como veremos posteriormente, além de ter como objeto de desejo o macho, UVS também se sentia incomodado por ter um comportamento sexual distinto daquele atribuído ao gênero masculino.

Num terreiro do bairro de Engenhoca, ele encontra um conjunto de crenças e práticas que lhe ajudam a dar uma explicação para esta situação socialmente anômica, imputando-lhe um caráter essencialmente espiritual. O diagnóstico fica claro em suas palavras, “eles me disseram que tinha uma ‘entidade de frente’ e que se eu trabalhasse esta entidade, **a situação deixaria de existir.**”¹⁰ O impacto do ritual de possessão e a expectativa de se livrar da sensação de mal-estar proveniente das práticas sexuais com parceiros do mesmo sexo aparecem no depoimento como fatores que favoreceram sua participação naquele grupo religioso.

O cara estava lá com uma entidade arriada e relatou coisas fantásticas sobre minha vida, um mundo de coisas que ninguém sabia, só eu. E eu caí direitinho, não percebi que era coisa do demônio. Hoje eu sei que era o demônio atuando nele e em mim, mas na época aceitei que estava com a pomba-gira e tudo mais que ele propunha.

Vários antropólogos trataram da relação entre os cultos de possessão e a orientação homossexual¹¹, existindo um consenso no reconhecimento da afinidade eletiva entre a possessão no Candomblé e as sexualidades desviantes. A explicação da grande atração exercida por este culto junto aos homossexuais Birman¹² vai buscar na associação da possessão no candomblé com o gênero feminino. De acordo com esta autora a Umbanda e Candomblé são modalidades de possessão distintas: enquanto na

⁹ FRY, P. Da Hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica da Homossexualidade. In: *Para Inglês Ver – Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, pp.90-91.

¹⁰ A relação do corpo com a “entidade” é explorada por RODOLPHO, A. L. O Corpo na Quimbanda. In: LEAL, Ondina Fachel. (org.) *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1995. Sobre a possibilidade da mudança da identidade sexual do filho de santo ver ANJOS, J. C. G. O Corpo nos rituais de iniciação do Batuque. In: LEAL, Ondina Fachel. (org.) *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Op.cit.

¹¹ SEGATO, R.L. Inventando a natureza: Família, sexo e gênero no Xangô do Recife. *Anuário Antropológico/85*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986; FRY, P. Mediunidade e sexualidade. *Religião e Sociedade* 1(1), Rio de Janeiro, ISER, 1977, pp.105-123; PRANDI, J. R. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1991; BIRMAN, P. *Fazer estilo. Criando gêneros*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/EDUERJ, 1995.

¹² BIRMAN, P. *Fazer estilo...* Op.cit., pp.44-47.

primeira o espírito possuído expressa uma certa continuidade com o plano social; a possessão no Candomblé rompe com este referencial – a vida social –, criando novas possibilidades à pessoa no plano dos gêneros. Assim, enquanto os terreiros de Candomblé estão mais abertos ao homossexual masculino, reservando-lhe lugar específico na ordem de gênero criada nos rituais – o Adé –; as restrições às transgressões sexuais se reproduziriam na Umbanda.

O fato do ritual e do tipo de possessão não possibilitar uma redefinição do sistema de gêneros, hegemônico na sociedade brasileira, não significa que a Umbanda desenvolva mecanismo para controlar efetivamente a conduta sexual e afetiva e/ou os desvios dos papéis e da identidade de gênero dos freqüentadores dos seus cultos. E mais, o caráter acentuadamente pragmático das relações dos afiliados e clientes com os agentes religiosos faz com que a Umbanda apresente uma certa tolerância com os indivíduos que buscam proteção ou os serviços religiosos de seus agentes – ainda que estes indivíduos sejam socialmente discriminados. Enfim, como nas demais religiões mediúnicas, grande parte da clientela da Umbanda é constituída por “pessoas social e religiosamente polivalentes”.¹³

Uma das motivações mais freqüentes para as visitas aos terreiros é a doença ou a busca da cura para algum mal que acomete o indivíduo e a eficácia das terapias recomendadas é avaliada pelos fiéis em função do desaparecimento ou da persistência dos sintomas da moléstia.¹⁴ Quando os resultados da terapêutica religiosa são avaliados negativamente, o fiel tende a questionar a competência dos agentes religiosos e a recorrer a um outro terreiro. A descrença de UVS com relação aos especialistas daquele grupo religioso se manifestou depois de dois anos de “tratamento”:

Quando a coisa (a atração por outros homens) voltou, voltou mais forte ainda e veio a minha recusa com relação à proposta deles... Eu falei mesmo para eles “você fizeram uma proposta espiritual de vida que até agora não deu resposta nenhuma, isso significa que vocês são muito fracos, que não conseguiram entrar dentro da mente e dentro do espiritual, naquilo que eu precisava.” O cara, então, chegou para mim e falou que eu tinha que cumprir o ritual de ir no altar e bater a cabeça e eu falei para ele: – Olha eu não vou bater cabeça para essa coisa de barro horrorosa que fica aí de pé e

¹³ BRANDÃO, C. R. Ser Católico: Dimensões Brasileiras – Um Estudo sobre a Atribuição de Identidade através da Religião. In: SACHS, V. *et alii*. *Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, Graal, 1988, p.51.

¹⁴ KNAUTH, D.R. A Doença e a Cura nas Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. In: ORO, A.P. (org.) *As Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 1994.

Conversão religiosa...

não faz coisa nenhuma. Foi aí que ele fez aquela coisa bem brega de macumbeiro que é um juramento... tipo assim uma ameaça. Mas eu saí assim mesmo...

Interpretando a sua própria orientação sexual e seus comportamentos nesta área como sinais de uma anomalia que não desapareceram com as “consultas”, “passes”, “trabalhos” etc., UVS abandonou o terreiro, ficando vários anos – mais ou menos quatorze (14) – afastado de qualquer atividade religiosa. Todavia, sempre que mantinha relações sexuais era tomado novamente pelo desespero. Diz ele,

não existia uma prática constante, era algo assim de cada seis, oito meses ou um ano. Era daquele tipo que, quando não estava agüentando mais, satisfazia o desejo... Era como se recarregasse por mais um tempo... **E depois vinha aquela sensação como se tivesse algo sujo no meu corpo.**

Como até os 28 anos não tinha mantido relações com mulheres, os amigos que sabiam de seu sofrimento queriam levá-lo ora “numa terma”, para ver se conseguiriam desperta-lhe a atração pelo sexo feminino, ora num psicólogo, para ver se ele poderia aceitar sua condição de homossexual. Tais sugestões ao invés de minorar-lhe a angústia eram sentidas pelo informante como

uma pressão psicológica muito grande, como se eu tivesse dividido: eu era U que nasceu e foi taxado, foi dito que é um menino, que falava mais forte do que a fêmea que tentava se desenvolver dentro de mim. Algumas pessoas falavam que se eu continuasse daquela forma, naquela luta entre duas personalidades, uma querendo engolir a outra, acabaria louco.

Foi neste contexto crítico que dois primos evangélicos começaram a trazer fitas com músicas e orações religiosas **e sem ter tocado numa só palavra sobre a sua conduta sexual**, passaram a evangelizá-lo e levá-lo à Igreja Assembléia de Deus. Durante o processo de conversão, percebeu que uma mulher que tomava sempre o mesmo ônibus que ele não parava de olhá-lo. E um dia saindo com um primo e sua namorada encontrou com esta mesma mulher que, por coincidência, era amiga de seus companheiros, mas nada sentiu de especial. Depois de muitas “recaídas”, teve uma crise de desespero e falou com o primo que não podia mais suportar o fato de não sentir atração pelas mulheres.

Eu queria usar algo que me foi dado. Se me foi dado o pênis eu quero usar ele e quero usar de forma correta... Na época do homossexualismo eu era passivo, nunca tinha usado aquilo que eu

possuía. Do mesmo jeito, se me foi dado um ânus para defecar, eu quero só defecar, porque ele foi feito para isso. É o direito que eu tenho sobre ele... Ele foi projetado para isso, ele não foi projetado para outra coisa.

Não dá para ignorar as associações e o que existe por atrás das categorias duais: passivo-ativo, limpo-sujo, correto-errado, pênis-ânus. Invertendo a ordem para melhor refletir, a contraposição dos órgãos pênis/ânus, a partir das funções fisiológicas para as quais foram criados, desconsidera de início a dupla utilidade do primeiro que pode servir não só para o ato sexual e a ejaculação em si, mas constitui parte do aparelho urinário. Sinteticamente, quem faz do ato de defecar algo sujo e, portanto, exclui a possibilidade do órgão responsável por esta função ser utilizado como fonte de prazer são os próprios homens que, imbuídos de determinados valores, tentam manter sob controle a sexualidade e a capacidade humana em obter o prazer.

Segundo Mary Douglas, para além das preocupações higiênicas, as nossas idéias de sujeira expressam sistemas simbólicos que estão diretamente vinculados à ordem social hegemônica. Isto é, assim como as regras de higiene, o respeito pelas convenções sociais constitui um elemento fundamental na compreensão da noção da sujeira em nossa sociedade. Tal definição

implica duas condições: um conjunto de relações ordenadas e uma contravenção desta ordem. Sujeira, então, não é nunca um acontecimento único, isolado. Onde há sujeira há sistema. Sujeira é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implica em rejeitar elementos inapropriados. Esta idéia de sujeira leva-nos diretamente ao campo do simbolismo e promete uma ligação com sistemas mais obviamente simbólicos de pureza.¹⁵

Os sistemas classificatórios mais diretamente relacionados à nossa temática são aqueles que ordenam as relações sexuais e as relações de gêneros. Iniciemos pelo exercício da sexualidade. Na base da tradição sexual cristã encontra-se a associação do sexo com a procriação e a vinculação do desejo e do prazer sexuais com o pecado. Tais relações expressam claramente a tentativa dos teólogos e autoridades eclesiásticas em separar a dimensão reprodutora e o prazer que a relação em si pode proporcionar aos parceiros sexuais. Nunca é demais lembrar que o predomínio desta forma de controle da sexualidade humana se

¹⁵ DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976, pp.149-150.

Conversão religiosa...

reproduziu por vários séculos e só com o desenvolvimento científico, particularmente com a medicina, surgiu um discurso “laico” sobre o sexo.¹⁶

O interessante é que, se no diagnóstico dos “comportamentos degenerados” as teorias médicas nascentes seguiam um caminho autônomo em relação ao discurso e às práticas religiosas, suas sugestões no que se refere aos estilos de vida saudáveis mantinham-se alinhados aos estilos de vida recomendados pelos programas religiosos das novas classes médias. Assim, como assinalam Gagnon e Parker¹⁷, tanto o cristianismo quanto a medicina dos séculos XVIII e XIX

viam o sexo como uma pulsão básica que necessitava ser controlada através de autocontrole e pureza ambiental – uma pulsão diferente no homem e na mulher na medida em que sua manifestação socialmente correta resultava no sexo entre homem e mulher no casamento com objetivo de procriação.

¹⁶ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

¹⁷ GAGNON, John H. & PARKER, Richard G. Reconcebendo a Sexualidade. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, ano I, n° 1, Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 1994, p.1.

No século atual, os avanços científicos na área da fecundação viriam não só proporcionar um melhor controle da fertilidade feminina, mas também o debate em torno da disjunção histórica estabelecida entre sexo e satisfação sexual na ética cristã. A partir dos anos 60, principalmente com os movimentos feministas e *gay* nos Estados Unidos e na Europa, muita coisa vem mudando e muitas objeções vêm sendo colocadas a estes discursos.¹⁸ No universo evangélico, a despeito da valorização da vida sexual e da aceitação dos métodos artificiais de controle da natalidade, o exercício da sexualidade permanece atrelado ao casamento e, portanto, à união heterossexual. Reagindo ao crescimento do movimento *Gays*, Lésbicas e Simpatizantes – GLS – e ao debate no Congresso brasileiro em torno da regulamentação da união civil dos homossexuais, o periódico da Associação Dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno – ADHONEP¹⁹ – publicou recentemente a seguinte matéria:

Claro que não queremos voltar aos tempos da Inquisição, em que pessoas que manifestavam desvios no comportamento sexual eram queimadas em praça pública. Repressão de nada adiantaria. Mas não podemos aceitar o homossexualismo com naturalidade; como conduta normal, inerente ao homem... Aqueles que seguem as Escrituras sabem que o gosto por pessoas do mesmo sexo é maligno!²⁰

A “endemonização” do comportamento e da orientação sexual dos *gays* e lésbicas é resultado da doutrina pentecostal que associa todas as expressões do mal, particularmente os desvios morais às influências de forças sobrenaturais malignas. Afastado de Deus, o homem é uma presa fácil para o demônio que mexe com seus sentimentos, guia suas atitudes e direciona a sua vida. A atração por parceiros do mesmo sexo biológico é, portanto, um desdobramento da interferência negativa do diabo na personalidade do indivíduo. As conseqüências deste elemento ideológico – “diabolização do mal” – nas relações interpessoais já foram apontadas por vários autores.²¹ Aqui seria suficiente mencionar a exteriorização do

¹⁸ A própria dicotomia heterossexual X homossexual é hoje vista por uma parte dos estudiosos da sexualidade humana como uma construção social. Ver VANCE, C. S. A Antropologia Redescobre a Sexualidade: Um Comentário Teórico. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, IMS/UERJ/Relume Dumará, vol.5, n° 1, 1995.

¹⁹ Uma instituição “paradenominacional” composta por membros das camadas médias e alta dos setores evangélicos.

²⁰ INFORMADONEP. Op.cit., p.12.

²¹ GILL, L. Like a veil to cover them: women and the Pentecostal Movement in La Paz. *America Ethnologist*, vol. 17, n° 4, 1990. MACHADO, M. D. C. Adesão religiosa e seus efeitos... Op.cit.; e MARIZ, C. L. O demônio e os Pentecostais no Brasil. In:

Conversão religiosa...

mal, atenuando a responsabilidade dos desviantes pelas suas ações e criando a possibilidade de ruptura e de reinterpretação das experiências passadas à luz de uma nova identidade social – os escolhidos de Deus. Da leitura da Bíblia ao comparecimento nos cultos, do exorcismo à conversão, do batismo nas águas à vida santificada: múltiplos são os caminhos para a purificação do corpo e sua transformação num santuário para o Espírito Santo.

Não se pode ignorar a inversão realizada por esta doutrina na assimilação da noção de possessão dos cultos-afro-brasileiros, de onde vêm muitos dos “aflitos” que procuram as igrejas pentecostais. Enquanto os primeiros concebem a maioria de suas entidades de forma positiva, valorizando a possessão como experiência

religiosa, o pentecostalismo reconhece a existência de tais entidades, mas lhes atribui um poder maléfico, fazendo com que as suas manifestações – tanto as esporádicas, através da expressão corporal e empostação da voz durante os cultos, quanto as de caráter mais duradouro com a mudança de atitudes no dia-a-dia – sejam fortemente combatidas.

Em uma entrevista concedida em 1994, o Pastor S., da Igreja Universal do Reino de Deus, afirmou:

Homossexualidade vem de um espírito que atua no homem levando-o a sentir desejo por outros homens. Sei que você deve estar pensando, então para a IURD tudo é espírito, tudo se reduz às forças do maligno, mas neste caso são os espíritos que fazem com que os homens percam a sensibilidade com relação às mulheres e comecem a sentir atração por outros homens. Então, sem mesmo entender o que está acontecendo, começam a virar, a mudar sua maneira de ser e como nós temos visto aí homens que chegam ao ridículo de se vestir como mulher. Isto não é nada mais nada menos do que o espírito que nós conhecemos como pomba gira. Então este espírito atua no homem, levando-o a sentir desejo por outro homem. Como também existe o espírito que atua na mulher, tirando a sua sensibilidade pelo homem, fazendo que seu desejo seja canalizado para outra mulher.

Jesus Cristo é o único capaz de libertar os homens e abrir o caminho para que o Espírito Santo passe a atuar em suas vidas. E será através desta

Birman, P., Novaes, R. & Crespo, S. (orgs.) *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1977.

atuação que o espaço da magia será assegurado no pentecostalismo. Afinal, inundando o coração do fiel que busca a santificação, este Espírito sim pode se manifestar dando-lhe o poder de cura, de profecia, de falar em línguas, etc. O curioso é que esta doutrina da santificação que, em princípio, favorece uma redefinição dos gêneros, valorizando nos conversos, independentemente do sexo, os atributos da humildade, docilidade, generosidade²², etc., paradoxalmente reforça a ordem de gêneros hegemônica na sociedade brasileira, hierarquizando homens, mulheres, gays e lésbicas.²³

No caso específico de uvs, percebe-se que a referência a passividade nas suas relações homossexuais expressa não só uma insatisfação frente ao comportamento adotado no intercurso sexual, como também uma reação à construção social da assimetria de poder entre parceiros do mesmo sexo e a posição subalterna que lhe tem sido reservada. Uma contribuição valiosa neste sentido encontra-se no trabalho de Peter Fry que tenta demonstrar como as classes populares constroem as identidades sexuais afetivas. Segundo suas palavras:

A categoria “bicha” se define em relação à categoria “homem” em termos do comportamento social e sexual. Enquanto o “homem” deveria se comportar de maneira “masculina”, a “bicha” tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero feminino. No ato sexual o “homem” penetra, enquanto a “bicha” é penetrada... o ato de penetrar e ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através do conceitos de “atividade” e “passividade”, o sentido de dominação e submissão. Assim, o “homem” idealmente domina a “bicha”. Além disso, a relação entre “homens” e “bichas” é análoga à que se estabelece entre “homens” e “mulheres” no mesmo contexto social onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados.²⁴

O controle das comunidades religiosas sobre as práticas sexuais de seus adeptos é um dos elementos que garante a continuidade na ordem de gêneros. Assim, Edir Macedo, dirigente máximo da Igreja Universal do Reino de Deus, no livro *O Perfil da Mulher de Deus*, alerta suas seguidoras

²² A ênfase nesses atributos acaba por diminuir a distância entre o masculino e o feminino, ocasionando uma certa “androgenização” no seio das famílias em que o casal é pentecostal. TARDUCCI, M. Pentecostalismo y Relaciones de Género: Una Revisión. In: FRIGÉRIO, A. (ed.) *Nuevos Movimientos Religiosos*. Buenos Aires, Centro Editora de America Latina, vol. I, 1993.

²³ MACHADO, M. D. C. Adesão religiosa e seus efeitos... Op.cit., 1994;

²⁴ FRY, P. Da Hierarquia à Igualdade... Op. cit., p.90.

Conversão religiosa...

para o “caráter torpe” de determinadas relações sexuais, explicitando que nenhum marido tem

o direito de obrigar a mulher a praticar o sexo contrário à natureza, ou seja, o anal. A própria natureza ensina que, no sexo, há um lugar para cada coisa e cada coisa deve ser colocada em seu lugar. Além do mais, a mulher não é um homossexual para se submeter a tal infâmia diabólica!

De forma que a mulher que estiver sendo forçada pelo seu marido a ter relações deste tipo deve, “em hora calma de conversa, submeter... à consciência de seu parceiro” os versículos Romanos 1.26,27 condenando a sodomia que “logo o espírito de Deus há de fazer o resto!”²⁵

A relação sexual anal põe em xeque a sexualidade reprodutiva, constituindo uma ameaça a instituições do casamento e da família – pilares da tradição cristã. E este é um motivo mais do que suficiente para que os teólogos e líderes religiosos combatam sua prática, discriminando ora como pecadores, ora como possuídos pelo demônio, aqueles que transgridem a moral sexual cristã.

Como já enunciado, o pentecostalismo não só desqualifica a homossexualidade como também oferece recursos ideológicos que motivem a mudança de conduta dos indivíduos e foi o que aconteceu com UVS. Um de seus primos, depois de muito ouvi-lo, disse-lhe que se ele “aceitasse Jesus”, deixasse que Ele entrasse em seu inferno interior, Ele certamente o libertaria e, mais, encaminhar-lhe-ia uma mulher muito especial. “Faça uma proposta com Deus e vamos ver se ele vai cumprir.” Os compromissos que ele teria com Deus era de ir a Igreja e orar, orar muito, tentando deixar que o “Senhor penetrasse no seu coração”. Após alguns dias descobriu que a mulher do ônibus freqüentava também uma igreja pentecostal em que por acaso se encontrava e sentiu que a “proposta começava a ser cumprida”. Tantas coincidências só poderiam ser resultado de “uma ação divina”. Com muita dificuldade começou a namorá-la e ela, seis anos mais velha que ele conseguiu aos poucos conquistá-lo e despertar pela primeira vez o seu interesse sexual por uma mulher.

A descrição do processo de conversão revela a freqüência simultânea em diferentes igrejas pentecostais e que a opção definitiva pela Assembléia de Deus foi marcada por uma experiência catártica. Em uma de suas visitas ao templo desta denominação sentiu que a fala do pastor

²⁵ MACEDO, E. *O Perfil da Mulher de Deus*. Rio de Janeiro, Editora Gráfica Universal Ltda, 1995, pp.80-81.

era dirigida para ele. Convidando “aquele que está aí no banco com o coração cheio de sofrimento e aflição” para que se levantasse e se aproximasse do púlpito, pois o Senhor queria “Se reconciliar contigo”, o pastor como que “tocou no coração” de nosso entrevistado que, pela primeira vez, pode ver “Deus de barba sentado em um trono, cheio de anjinhos em volta...” Da visão divina ao deslocamento diante da comunidade, muito choro e a ajuda de um primo que o apoiou na difícil escolha que fazia e que pode ser melhor avaliada pela descrição da imagem do diabo que o seguiu durante a caminhada:

era como se aquele trecho de uns 20 metros tivesse se transformado em quilômetros, só que em quilômetros de recordações da minha vida. Era como se eu tivesse vivendo toda a trajetória da minha vida: desde que eu nasci até aquele instante. E as lágrimas saíam sem parar, mas quando cheguei no meio da igreja e olhei para trás eu pude ver o diabo como um frouxo, tive a frieza de olhar para ele e mostrar o que estava ocorrendo na minha vida e aí continuei andando...

Filiado à Assembléia e respeitando as normas de manter-se casto antes do casamento, este informante sentiu-se, na ocasião do noivado, na obrigação de revelar à futura esposa o seu passado, afinal

o cristão quando recebe alguma coisa, é preciso que ele testemunhe essa coisa, porque senão vai ficar vazio. Essa coisa de Deus, de Jesus Cristo tem que ser mostrada. Tudo aquilo que Ele fez. E como vai ser? Você ser um ladrão, um viciado, um ex-homossexual, uma prostituta é tão pesado... Isso para sociedade é imperdoável, você não tem perdão para a recuperação.

“Com medo de sua reação” enviou-lhe uma carta-testemunho contando seu passado. Como pentecostal a reação de sua noiva foi a de glorificar Deus pela capacidade de transformá-lo, atribuindo a sua conduta na fase anterior à conversão a um outro homem – “homem mundano” que ela não conhecera. O que importava era o novo homem, aquele duplamente convertido: convertido à Jesus e à heterossexualidade. O que interessava era aquele que, com ajuda espiritual, se transformaria em seu homem.

III - Livre do estigma social e do vírus HIV

A AIDS é uma peste, mas nós não temos motivos para ter medo dela. **Os evangélicos são um povo separado.** Eles não tem sexo com mulher da rua, nem procuram coisas que complicam a vida. Na verdade a

Conversão religiosa...

única forma de se prevenir da AIDS é colocar Jesus na nossa vida, na nossa frente... (JM, um diácono de 42 anos)

A crença na solução espiritual para a superação da conduta e orientação homossexual não se restringe aos segmentos de baixa instrução, como poderia sugerir o caso de UVS e sua esposa. Entrevistamos um médico do Rio de Janeiro – JC –, com curso de pós-graduação no exterior e uma seleta clientela que, como membro da Igreja Universal do Reino de Deus, fez o seguinte comentário sobre a posição de sua comunidade religiosa frente a opção sexual dos indivíduos:

Vivemos uma fase mais liberal e temos um comportamento mais humanista. Buscamos uma maior compreensão das coisas, das pessoas, do homossexual enquanto pessoa. Porque ninguém é contra o homossexual, ninguém tem o preconceito com o homossexual lá na igreja. **A gente tem que ajudar, mas isto só pode ocorrer se as pessoas quiserem ser ajudadas se forem na igreja e dizer que querem se libertar.** As vezes as pessoas estão satisfeitas com isto ou dizem que não querem mudar. Aí não dá para fazer nada. Não devemos forçar, mas quando a pessoa quer mudar, aí sim a igreja pode ajudar. Porque veja bem, na medicina já

tá definido que não é doença. Na psiquiatria o tratamento é a pessoa assumir o que ela é, porque o que cria problemas é a ansiedade em querer mostrar o que ela é e a sociedade não deixa. Enfim, todo mundo estava condescendente até demais. Até que veio a AIDS e as pessoas começaram se proteger de novo. As madames beijavam seus cabeleireiros, hoje já não fazem mais isto. Agora bicha não tá com nada, nem os magros, só os gordinhos são confiáveis e coisa é tal. Se emagrece já merece suspeita e as pessoas ficam com pé atrás. Então a própria sociedade recria um preconceito que ela mesmo já estava tentando se desfazer. Ela retomou este preconceito por causa da doença. Ao passo que a igreja não.

O discurso tenta livrar a Igreja pentecostal dos preconceitos identificados na sociedade inclusiva, mas a ênfase na libertação e na vontade de mudar de vida revela que o objetivo da intervenção ou ajuda espiritual é o **abandono** da condição de homossexual. Mesmo que no debate científico a interpretação patológica deste tipo de conduta sexual esteja perdendo sua força, na esfera religiosa cristã, particularmente no pentecostalismo, persiste a concepção de “desvio comportamental”,

alimentada pela ação mágica dos espíritos e pela difusão rápida da AIDS entre os homossexuais brasileiros. Por um lado, são as entidades malignas que causam a orientação e a conduta homossexual, por outro, só o poder do Espírito Santo pode livrar os indivíduos dos riscos deste tipo de interferência maléfica na vida sexual.

A entrevista com MS, esposa de UVS, trouxe dados esclarecedores sobre a personalidade e o estado psíquico-emocional dos dois quando se converteram a esta forma de religiosidade, assim como os caminhos trilhados pelo casal. Declarando-se muito nervosa, esta mulher admitiu que ouvia gargalhadas, tinha visões e desmaiava muito antes da conversão. E que, não só sua cura fora uma graça alcançada na igreja pentecostal, como também o seu próprio casamento, pois com 36, ninguém, nem ela própria, acreditava que aquilo ainda poderia lhe acontecer. Questionada sobre sua vontade de ser mãe, declarou que, apesar da idade avançada, tomou anticoncepcionais durante longo tempo porque seu parceiro não queria ter filhos.

Ele veio do mundão muito bravo; primeiro porque era espírita; segundo porque era ex-homossexual. Então **ele tinha um medo grande de ter um filho**, principalmente um homem, mas eu nunca tive medo. Tanto que eu falava para ele que quando Deus faz a obra, Deus faz de verdade, ele não faz a obra pela metade. Quando Ele transforma, Ele transforma por inteiro. Depois da conversão Deus lavou ele, então não haveria perigo.

A paternidade assustava UVS muito mais que o casamento em si. Sofrendo com as insinuações de pessoas sobre o seu passado ou mesmo seu jeito, temia que a criança viesse a ser também discriminada pela homossexualidade paterna, ainda que ela tivesse sido “curada por Cristo”. Não queria filhos de maneira alguma, mas pouco a pouco sua mulher foi lhe convencendo e hoje eles têm um casal de filhos. A menção a dois exames de sangue em momentos distintos da sua vida revela sua apreensão com a possibilidade da contaminação nas relações sexuais que mantivera com os parceiros masculinos. Apesar de identificar apenas o último, realizado depois do nascimento dos dois filhos, como um teste anti-HIV, declarou que relutou muito em fazê-lo quando foi doar sangue a um amigo e soube da exigência médica. “Morria de medo do resultado e ele demorou demais a sair...” Antes de se converter tinha

apanhado uma doença venérea e havia sido submetido a uma grande quantidade de exames no hospital em que fora internado e embora afirmasse que entre eles não se encontrava o exame anti- HIV, diz que a

Conversão religiosa...

“doutora passou o pedido por que era um aidético ambulante, pesava apenas 58 quilos...”

A apreensão de UVS com a AIDS também aparece no discurso de sua mulher que lembrou de “um exame” realizado nas vésperas do casamento e do qual só foi informada quando saiu o resultado. Tal fato foi interpretado por ela como um cuidado dele que vivia “ansioso e preocupado com a vida desregrada que tinha levado no mundo”. Do resultado negativo do teste da AIDS aos filhos normais e saudáveis, tudo foi interpretado como sinal “da confirmação de Deus de que agora ele é outro homem e que não tinha ficado nada, nadinha” daquelas experiências angustiantes. Hoje vê a AIDS como “uma arma punidora para os homossexuais, **eles que são os monstros, monstros causadores disso tudo...**”

A doença concretiza aquilo que se interpreta como uma deformidade moral, como uma monstruosidade, um crime contra a natureza. A maneira como encara a doença sugere que a própria conversão pode ser uma estratégia para lidar com o terror que ela lhe desperta. Isto é, convertendo-se ao pentecostalismo, esse informante consegue não só ser correto, sentir-se limpo e macho, mas também com motivações para fugir de um dos grupos de risco identificados na época e, portanto, da possibilidade da AIDS. A expressão da esposa de que na conversão “Deus lava” o fiel expressa não só a eliminação do passado, do sujo, mas também a assepsia preventiva que garante que tanto o casal quanto os filhos estão protegidos do vírus HIV.

Mas a visão atual do homossexualismo revela também, que incomodava UVS ser diferente da caracterização cultural de masculino, não poder justificar com a procriação o exercício da sexualidade e, portanto, o direito ao prazer. Aqui duas hipóteses poderiam ser levantadas. Uma primeira que considera a possibilidade de um desejo latente de ser bissexual ou heterossexual, reforçado pela epidemia e realizado com a ajuda da conversão ao pentecostalismo; e uma segunda que interpreta a negação das preferências sexuais como o preço que este homem pagou para se sentir parte de uma sociedade que já lhe reservara um lugar economicamente marginal e que agora o colocava frente à uma nova ameaça: a AIDS. O depoimento de UVS parece corroborar essa última hipótese, sugerindo que a escolha da conjugalidade naquele momento constituía-se numa estratégia complementar a conversão, resgatando-o para o arranjo familiar mais valorizado na cultura brasileira.

A escolha da Assembléia de Deus como a sua comunidade religiosa também merece reflexão. Embora se perceba uma grande ligação dos fiéis com a Igreja em que se converteram, o fato desse homem ter se mantido nessa denominação, mesmo se casando com uma mulher filiada à outra agremiação pentecostal, pode também estar associado à rigidez moral da

Maria das Dores Campos Machado

Assembléia e ao forte controle da comunidade religiosa sobre seus membros. Temeroso de experimentar novas “recaídas”, o entrevistado opta pela grupo pentecostal que, mantendo-se em constante vigília, consegue preservar a “união ou o encaixe entre o homem carne – o homem físico – e o homem espiritual”. Dito de outra maneira: aquela que tem a força de moldar os desejos sexuais a partir do tipo ideal do homem cristão.

Conversão religiosa...

Considerações finais

Tornar-se pentecostal foi a solução encontrada por UVS para se sentir menos à margem desta sociedade. Afinal junto com a reinterpretação do passado vêm uma nova identidade e a sensação de que se hoje ele se sente distante do “mundo” – entendido aqui como o *locus* dos vícios, da promiscuidade, da prostituição e do homossexualismo –, esta distância é porque ele é um dos “salvos do Senhor”. Enfim, ao mesmo tempo que a doutrina pentecostal ajudou UVS no seu afastamento do “mundo”, ela o reintegrou no lugar reservado ao homem no sistema de gêneros hegemônico na ordem social brasileira.

O surgimento de uma nova doença sexualmente transmissível é uma variável que não deve ser desprezada na análise deste movimento de reorientação do comportamento e construção de uma nova identidade sexual e afetiva. A vulnerabilidade frente ao HIV e o temor da morte intensificaram os conflitos em UVS e a solução mágico-religiosa se impôs. Aqui, a dimensão ética das expressões religiosas torna-se um divisor de águas. Nos cultos afro-brasileiros que pouca ingerência têm na vida privada de seus adeptos, UVS não encontrou motivações subjetivas para o abandono da identidade homossexual nem interditos aos comportamentos sexuais conflitantes com a moral da sociedade mais ampla. Só o pentecostalismo, com sua rígida ética sexual, se mostrou capaz de protegê-lo do seu próprio desejo e dos riscos representados pelo vírus. Afinal, confinando o exercício da sexualidade à esfera do casamento, o pentecostalismo canaliza o desejo para os parceiros do sexo oposto, circunscrevendo o prazer nos segmentos heterossexuais. Ou seja, ao contrário do que propunha o poeta, para os pentecostais só uma forma de amor vale a pena: aquela que envolve um homem e uma mulher e não constitui um obstáculo à santificação.